



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA
LICENCIATURA EM MÚSICA**

André Felipe Gouvea Roman

**ROCK DO CURUPIRA: UMA PROPOSTA LÚDICA NA DISCIPLINA PRINCÍPIO
INTERDISCIPLINAR**

Brasília

2019

André Felipe Gouvea Roman

**ROCK DO CURUPIRA: UMA PROPOSTA LÚDICA NA DISCIPLINA PRINCÍPIO
INTERDISCIPLINAR**

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Licenciado
em Música submetida a Universidade de Brasília, curso de Licenciatura
em Música – Diurno

Orientador(a): Flávia Motoyama Narita.

Brasília

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RR758 Roman, André
ROCK DO CURUPIRA: UMA PROPOSTA LÚDICA NA DISCIPLINA
PRINCÍPIO INTERDISCIPLINAR / André Roman; orientador Flávia
Motoyama Narita.. -- Brasília, 2019.
29 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura em Música) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. . I. Motoyama Narita., Flávia , orient. II. Título.



Universidade de Brasília

Instituto de Artes
Departamento de Música

ATA DE DEFESA DE TCC

André Felipe Gouvea Roman

“ROCK DO CURUPIRA: UMA PROPOSTA LÚDICA NA DISCIPLINA PRINCÍPIO INTERDISCIPLINAR”

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música sob a orientação da Professora Flávia Motoyama Narita, segundo o Ato 05/2019 que nomeou banca de avaliação.

Brasília, 30 de janeiro de 2019.

Flávia Motoyama Narita

Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo

Uliana Dias Ferlim

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à energia cósmica superior, que me proporcionou a oportunidade de estar constantemente evoluindo.

A Universidade de Brasília e todo seu corpo docente, que me auxiliaram durante todo o percurso acadêmico, e que me fizeram me apaixonar ainda mais pela Educação Musical.

À minha orientadora Doutora Flávia Motoyama Narita, que me auxiliou com maestria e dedicação, durante todo o processo de construção desse trabalho.

Aos meus amigos e familiares, que me aturaram durante esse período turbulento.

Finalmente, agradeço também aos companheiros de formação acadêmica que durante todo esse período compartilhamos ideias, emoções, conhecimento e muita música.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma reflexão sobre uma proposta pedagógica realizada na Comunidade de Aprendizagem do Paranoá – CAP, durante a disciplina Princípio Interdisciplinar PRINTER. Aliado a essa experiência, o objetivo do estudo é refletir sobre conceito de ludicidade, na proposta do Rock do Curupira. Sendo ela uma ferramenta que abrange pilares que são fundamentais para um processo de ensino e aprendizagem, como autonomia, afetividade, motivação, descontração e criatividade.

PALAVRAS-CHAVE: ludicidade, princípio interdisciplinar, integração, educação musical.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO: A JORNADA	8
1.1 OBJETIVOS.....	11
1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO	12
2-LUDICIDADE E INTEGRAÇÃO	13
2.1 LUDICIDADE	13
2.2 EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR E INTEGRATIVA	18
3 – ROCK DO CURUPIRA	21
3.1 – PRINTER.....	21
3.2-PLANEJANDO LUDICAMENTE A INTEGRAÇÃO.....	23
3.3 REFLEXÃO-SOBRE-A-AÇÃO	26
4-CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

1-INTRODUÇÃO: A JORNADA

Minhas reflexões e análises perante o processo de ensino e aprendizagem vieram de forma mais consciente depois que vivenciei o papel do educador. No decorrer da minha formação acadêmica, passei por diversas disciplinas teóricas e práticas que me direcionaram e fizeram com que eu amadurecesse como educador. Todo esse processo fez com que buscasse a motivação para um aprimoramento pessoal e profissional, algo que é contínuo e a meu ver não tem fim.

Quando escolhi ser músico, fato que aconteceu antes de me descobrir educador, o que me fez buscar essa arte, foi a diversão, o prazer, a brincadeira, e concomitantemente me socializar. A música a meu ver em sua essência já possui qualidades que se enquadram como lúdica. Como bem nos assegura Barbosa (2011, p.18), pode-se dizer que a Arte como linguagem que excita diversos sentidos, emana significados que só ela como linguagem pode dizer, excluindo as linguagens técnicas “discursivas e científica”. Oliveira, Felício e Fagundes (2013) reforçam esse argumento ao afirmarem que a música é conhecimento e meio de expressão.

Nesse sentido a música é um meio de expressão e forma de conhecimento, sendo um meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de um meio de integração social. (OLIVEIRA; FELICIO; FERNANDES, 2013, p.1414).

Portanto a música desenvolve vários aspectos da formação humana. Pode-se dizer que música, ludicidade, educação, afetividade, cultura, sociedade estão intimamente ligadas e se complementam com destreza. Como educador musical, em diversos momentos, percebi que “matei” o prazer da música, e observei nas atitudes, nos olhares e nas palavras dos educandos, o tédio. Isso me entristecia, pois aquilo que em sua essência era algo imensamente prazeroso se tornava enfadonho, chato e sem sentido. Principalmente, quando estamos dialogando com crianças, se descartamos o caráter lúdico da música, “matamos” a possibilidade do desenvolvimento musical, social e cognitivo. O lúdico em relação à música está relacionado com o prazer, com a criatividade, com a imaginação. Quando digo que “matei” o caráter lúdico da música, quero dizer que coloquei uma ênfase maior no caráter técnico e teórico, de forma que desconsidere o prazer e o mistério que ele emana, transformando tudo em regras e repetições. Oliveira, Felício e Fagundes (2013) intensificam esse argumento dizendo que musicalização, afetividade, ludicidade e educação infantil se relacionam, a medida que seu foco é o desenvolvimento social e cognitivo da criança.

A educação infantil, a musicalização, a afetividade, e as atividades lúdicas se integram, pois têm como objetivo o desenvolvimento socioafetivo e cognitivo da criança. (OLIVEIRA; FELICIO; FERNANDES, 2013, p. 1416).

Quando percebi a falta de integração entre o fazer musical e a ludicidade em minha docência, lembrei-me do meu processo como educando na educação básica. Lembrei-me quanto eu não me importava com a maioria das aulas, como me dispersava constantemente para não estar ali. Lembrei-me também minha revolta com autoritarismo de alguns professores, minhas fugas físicas ou mentais para não ter que aturar aquele tédio.

Em contrapartida lembrei que nessa época de educação básica, havia alguns professores que me conectavam com maestria ao momento, conseguiam estabelecer pontes diretas entre mim, eles e o conteúdo. Eram educadores que não desconsideravam a voz do educando, e não atuavam de maneira “bancária”. Segundo Freire (1974) o termo educação bancária identifica uma espécie de monólogo narrativo no qual quem fala é somente o professor, que é a luz do conhecimento, e os alunos que não possuem luz própria, devem se calar e receber a iluminação. Nas palavras do educador a educação bancária é uma única via, é depositária:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vai “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. (FREIRE, 1974, p. 33)

Um exemplo dessa época que até hoje eu guardo, e que me fez perceber que o tédio está mais na maneira como ensinam do que no conteúdo, foi quando eu estava no segundo ano do ensino médio, fase em que me encontrava rebelde e pouco me importando com a escola. Já havia descoberto que odiava matemática e não dava a mínima para a disciplina, até que chegou uma professora na escola que conseguiu destruir minha armadura contra a matéria. Em seus exercícios, ela constantemente buscava contextos mais próximos da realidade do adolescente, ela estava sempre brincando e “tirando sarro” da gente e utilizava linguagens mais populares para explicar seus exercícios.

Hoje, mais consciente do papel do educador, vejo que ela proporcionou um ambiente de caráter lúdico, descontraído e integrativo, em que não nos sentíamos pressionados. Respeitava-se as dificuldades de cada um, buscava-se o aprimoramento coletivo e possuíamos autonomia.

A ludicidade traz consigo uma “revolução” no processo de ensino e aprendizagem fazendo com que a aula possua características afetivas, descontraídas, prazerosas e imensamente motivacionais. Ubaldo (2009) intensifica o argumento em que o professor que atua como mediador no processo de ensino e aprendizagem intensifica algumas qualidades sociais, cognitivas e afetivas.

O professor entra como mediador entre a criança e o objeto do conhecimento, propiciando espaços e situações de aprendizagens que envolvam todas as capacidades como, afetivas, cognitivas, emocionais, sociais, etc., explorando os diferentes campos de conhecimentos humanos. O professor tem a função de propiciar à criança, um ambiente saudável, sem discriminação, rico, prazeroso, onde é possível explorar as variadas práticas educativas e sociais (UBALDO, 2009, n.p).

Partindo de uma perspectiva de um professor mediador, assim como Ubaldo (2009), acredito que o educador deve proporcionar uma relação que desenvolva amplamente as capacidades do educando. Para que isso aconteça temos que buscar a construção de um ambiente saudável, onde todos possam estar abertos para o aprendizado, sem julgamentos, sem preconceitos.

O presente trabalho tem enfoque em uma proposta denominada Rock do Curupira, e vale ressaltar que foi por via da disciplina PRINTER-Princípio Interdisciplinar, que a proposta nasceu. Princípio interdisciplinar é uma disciplina da UnB, cujo o intuito segundo à ementa, é proporcionar aos educandos e educadores um reconhecimento do diálogo teórico e prático de uma experiência integrada relacionando diversas áreas do conhecimento, utilizando a pedagogia de projeto. A meu ver todos os participantes trazem diferentes perspectivas, que se somam e se transformam em algo sem limitações, em que os saberes de cada indivíduo presente se integra, a identidade está presente, a amplidão é valorizada, e a diversidade é bem-vinda.

Segundo Morin (2001), com o decorrer dos séculos vivemos uma corrente científica e disciplinar que se especializa cada vez mais em determinando foco, e dessa especialização acontece a fragmentação dos saberes, e distancia o contexto geral do objeto estudado. A citação abaixo respalda esse pensamento.

O conhecimento especializado é uma forma particular de abstração. A especialização abstrai, em outras palavras, extrai um objeto de seu contexto e de seu conjunto, rejeita os laços e as intercomunicações com seu meio, introduz o objeto no setor conceptual abstrato que é o da disciplina compartimentada, cujas fronteiras fragmentam arbitrariamente a sistematicidade (relação da parte com o todo) e a multidimensionalidade dos fenômenos; conduz à abstração matemática que opera de si própria uma são com o concreto, privilegiando tudo que é calculável e passível de ser formalizado. (MORIN, 2001, p.41)

Ao considerar os aspectos abordados por Morin, e pela experiência vivida através da disciplina PRINTER, me senti motivado.

Os motivos que me guiaram para esse estudo foram os de buscar mais profundamente alguns aspectos educacionais, por exemplo, conexão, interação, integração, motivação e prazer na relação educativa.

Ao longo da minha experiência pedagógica vivenciada por meio do curso de licenciatura em música da Universidade de Brasília UnB, em específico pelo programa de iniciação à docência PIBID, pela residência pedagógica RP, pela disciplina princípio interdisciplinar PRINTER, pelos estágios, e pelo meu trabalho como educador social voluntário vinculado à secretaria de estado e educação do Distrito Federal SEEDF, aprendi bastante sobre o ambiente escolar. Inserido nesses diversos contextos educacionais, venho observando o quanto é importante fazer uma conexão direta com o educando. Dessa maneira, busco através das constantes reflexões como educador e concomitantemente, por via do presente estudo, me respaldar e buscar novos horizontes pedagógicos que possam contribuir para uma melhora na minha ação didática e nas propostas de ensino e aprendizagem musical.

Um princípio norteador que vou buscar inserir na minha prática docente é relacionar a ludicidade aliada à integração (relações integrativas das disciplinas), visando proporcionar um ambiente saudável, motivacional, criativo, autônomo e abrangente. Almeida (2009) intensifica esse argumento quando fala que a formação lúdica e interdisciplinar se firma em propostas que valorizam a criatividade e afetividade.

A formação lúdica interdisciplinar se assenta em propostas que valorizam a criatividade, o cultivo da sensibilidade, a busca da afetividade, a nutrição da alma, proporcionando aos futuros educadores vivências lúdicas, experiências corporais que se utilizam da ação do pensamento e da linguagem, tendo no jogo sua fonte dinamizadora.

(ALMEIDA, 2009, n.p)

Considerando as reflexões, e observações das práticas pedagógicas musicais, o presente trabalho busca refletir sobre a experiência do Rock do Curupira, atividade desenvolvida na CAP através da disciplina Princípio Interdisciplinar e sobre o papel da ludicidade, nas atividades pedagógico-musicais

1.1 OBJETIVOS

Apresentar e discutir o Rock do Curupira como uma proposta lúdica na disciplina Princípio Interdisciplinar

Como objetivos específicos:

Discutir o conceito de ludicidade.

Refletir sobre os aspectos lúdicos e integrativos presentes na proposta “Rock do Curupira”

1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO

A partir do contexto exposto, e das indagações surgidas até agora, o trabalho se seguirá da seguinte forma: no capítulo 2, apresentarei uma breve revisão de literatura sobre o conceito da ludicidade. Este será relacionado à educação musical, respaldando a proposta de uma atividade musical, Rock do Curupira.

No capítulo 3 o foco será a proposta do Rock do Curupira, na seção 3.1 falo um pouco do contexto que a atividade foi inserida, as reflexões que tivemos, as mudanças que fizemos para que melhor se adequasse à realidade da escola. Na seção 3.2 relato sobre os pontos principais de cada parte da canção, apresento a letra da canção indicando seus aspectos pedagógico-musicais, seu caráter lúdico e sua perspectiva interdisciplinar. E para finalizar na seção 3.3 faço uma reflexão geral sobre a ação, relacionando a proposta com os conceitos levantados, discutindo o rumo que a atividade tomou, o que me surpreendeu, o que se modificou e até em que ela foi.

No capítulo 4, falo sobre o quanto o trabalho contribuiu para minha formação como educador, concluo de que a ludicidade e a integração são importantes para o processo de ensino e aprendizagem musical. Revisito os objetivos do presente trabalho, e finalizo o estudo com minhas considerações finais.

2-LUDICIDADE E INTEGRAÇÃO

Atualmente existem diversos trabalhos que focam na ludicidade e na experiência integrativa, relacionados com o processo educativo musical (Beineke, 2011; Amato, 2010; Corrêa e Bento, 2014). Acredito na importância desses estudos e ressaltos com a intenção de futuramente aprofundar sobre suas perspectivas.

A minha intenção nesta seção, foi conceituar a ludicidade e uma proposta integrada para fundamentar a proposta Rock do Curupira.

Primeiramente, na seção 2.1 discorro sobre ludicidade e destaco os seguintes autores: Almeida (2009) que inter-relaciona o lúdico com o contexto escolar e o processo educativo; Kishimoto (1994) que define e se aprofunda nas questões do brincar, da brincadeira e do jogo; Luckesi (2005) defende que nem sempre o lúdico está ligado ao brincar e ao jogo, mas sim, em uma atitude plena de estar presente em sua totalidade, em um determinado lugar vivenciando um determinado momento; Huizinga (2001) afirma que a música por si só está localizada em uma dimensão lúdica, do qual é muito difícil de sair.

Com o objetivo de situar o leitor sobre a atual perspectiva da educação musical, cito Figueiredo (2012) que contextualiza, brevemente, a transformação que ocorreu na educação musical com o advento dos métodos ativos.

A seção 2.2 se concentra sobre a disciplina princípio interdisciplinar e na relação integrativa. Os autores citados são Fazenda (1998), Morin (2001) que destacam o egocentrismo, e suas segregações, explanando o seu impasse na relação integrativa do conhecimento.

Destaco também Pombo (2005), que discorre sobre a importância do significado geral, de um contexto que somatize os pequenos núcleos disciplinares, em que a integração forma a compreensão mais ampla.

2.1 LUDICIDADE

Segundo Almeida (2009, n.p) o lúdico tem sua origem na palavra latina “ludus” que quer dizer “jogo”. Se se achasse confinado somente à sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo. Entretanto, nos dias de hoje, pode-se ampliar esse conceito e, pedagogicamente, relacioná-lo com uma perspectiva de aprendizado descontraído, afetivo, motivacional, saudável, leve, divertido, assertivo entre outras qualidades. Em primeiro plano

ênfatizando o jogo, Kishimoto (1994) diz que o jogo possui diversas conotações, que variam de acordo com a individualidade de cada cultura.

o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui. É este o aspecto que nos mostra por que o jogo aparece de modos tão diferentes, dependendo do lugar e da época. Em certas culturas indígenas, o brincar com arcos e flechas não é uma brincadeira, mas preparo para a arte da caça e da pesca. Se em tempos passados, o jogo era visto como inútil, como coisa não séria, depois do romantismo, a partir do século XVIII, o jogo aparece como algo sério e destinado a educar a criança. Outros aspectos relacionados ao trabalho, à inutilidade ou à educação da criança emergem nas várias sociedades em diferentes tempos históricos. Enfim, cada contexto social constrói uma imagem de jogo conforme seus valores e modo de vida, que se expressa por meio da linguagem. (KISHIMOTO, 1994, p.108)

Visualizando a ludicidade por um prisma pedagógico, a questão do jogo e do brincar adentram com um intuito educacional, do ponto de vista cognitivo, social e cultural. Kishimoto (1994, n.p) diz que jogo educativo é a “mistura da ação lúdica com a orientação do professor, com vistas à aquisição de conteúdos e ao desenvolvimento de habilidades”. O lúdico como ferramenta pedagógica pode contribuir imensamente para a formação e desenvolvimento do indivíduo, a importância do lúdico na vida como um todo é relevante e traz consigo o prazer em viver, independentemente da idade. Almeida reforça que a ludicidade contribui para um desenvolvimento social, pessoal e cultural do indivíduo, e é uma necessidade do ser humano.

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. (ALMEIDA, 2009, n.p)

O ambiente lúdico está ligado à imaginação, à fantasia, à subjetividade e à autonomia, e dessa maneira promove a ligação entre o conteúdo e a identidade do indivíduo, fazendo com que o processo de assimilação daquele conhecimento não seja enfadonho, atribuindo vontade e curiosidade no desenvolvimento. Almeida destaca o caráter lúdico na sala de aula, ressaltando a importância dessa ferramenta na prática pedagógica.

Sala de aula é um lugar de brincar se o professor consegue conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos do aluno. Para isso é necessário encontrar equilíbrio sempre móvel entre o cumprimento de suas funções pedagógicas e contribuir para o desenvolvimento da subjetividade, para a construção do ser humano autônomo e criativo. (ALMEIDA, 2009, n.p)

Com o foco na formação do educador, o lúdico é um elemento que se alia com maestria à sua prática, e contribui na sua evolução como profissional, promovendo reflexões e abrindo diversas possibilidades que podem ser usadas em sua prática educacional. Segundo Almeida (2009, n.p) “a formação lúdica possibilita ao educador conhecer-se como pessoa, saber de suas possibilidades, desbloquear resistências e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brinquedo para a vida da criança, do jovem e do adulto”.

O ensino conteudista, tecnicista, tradicional, que descarta o prazer, que não valoriza a imaginação, que não trabalha a criatividade, não permite a expressão nem tão pouco a autonomia, é um ensino “doente”, e que não desenvolve diversos tipos de saberes.

A ludicidade nos torna ativo no momento presente, integrados, conectados, e saudáveis, segundo Luckesi (2005, n.p) uma atividade lúdica, só acontece quando estamos plenamente conectados ao momento, inteiramente presente.

O que a ludicidade traz de novo é o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena. Com isso, queremos dizer que, na vivência de uma atividade lúdica, cada um de nós estamos plenos, inteiros nesse momento; nos utilizamos da atenção plena, como definem as tradições sagradas orientais. Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis. Poderá ocorrer, evidentemente, de estarmos no meio de uma atividade lúdica e, ao mesmo tempo, estarmos divididos com outra coisa, mas aí, com certeza, não estaremos verdadeiramente participando dessa atividade. Estaremos com o corpo aí presente, mas com a mente em outro lugar e, então, nossa atividade não será plena e, por isso mesmo, não será lúdica. (LUCKESI, 2005, n.p)

Portanto entendo que o propósito da ludicidade na educação visa manter um ambiente que proporcione uma conexão plena entre o educador, o educando e o conteúdo, em sua individualidade e coletividade de forma prazerosa, saudável e instigante.

Se estivermos num salão de dança e estivermos verdadeiramente dançando, não haverá lugar para outra coisa a não ser para o prazer e a alegria do movimento ritmado, harmônico e gracioso do corpo. Contudo, se estivermos num salão de dança, fazendo de conta que estamos dançando, mas de fato, estamos observando, com o olhar crítico e julgativo, como os outros dançam, com certeza, não vivenciaremos ludicamente esse momento. (LUCKESI, 2005, n.p)

Relacionando a ludicidade com a arte musical, observamos diversas semelhanças em seus universos. A música, por si só, já proporciona ludicidade, nos eleva para universos imaginários, instiga nossa criatividade e autonomia, e constantemente nos deixa plenos no momento presente. Huizinga (2001, p.111) argumenta que a ludicidade está presente na música:

o elemento lúdico é de tal modo inerente à poesia, todas as formas de expressão poética estão de tal modo ligadas à estrutura do jogo, que é forçoso reconhecer entre ambos a existência de um laço indissolúvel. O mesmo se verifica, e ainda em mais alto grau, quanto à ligação entre o jogo e a música. (HUIZINGA, 2001, p.111)

A música é lúdica por natureza, o fazer musical está ligado à imaginação, à sensibilidade, à criatividade, à percepção, à autonomia, à expressividade, à coletividade, à subjetividade, à identidade e à ludicidade. Huizinga ressalta que a música situa-se em uma atmosfera lúdica, do qual o prazer é enfatizado, e assim como o jogo traz momentos de descontração.

Conforme dissemos, o jogo situa-se fora da sensatez da vida prática, nada tem a ver com a necessidade ou a utilidade, com o dever ou com a verdade. Ora, tudo isto pode aplicar-se também à música. Além disso, as formas musicais são determinadas por valores que transcendem as ideias lógicas, que transcendem até nossas ideias sobre o visível e o tangível. Esses valores musicais só podem ser compreendidos através das designações que a eles aplicamos, termos específicos como ritmo e harmonia, que se aplicam igualmente ao jogo e à poesia. Não resta dúvida que o ritmo e a harmonia são fatores comuns, em sentido exatamente idêntico, à poesia, à música e ao jogo. Mas, enquanto na poesia as próprias palavras elevam o poema, pelo menos em parte, do jogo puro e simples para a esfera da ideia e do juízo, a música nunca chega a sair da esfera lúdica. (HUIZINGA, 2001, p.111)

Como Huizinga, enxergo que a música traz a ludicidade em sua essência, entretanto quando falamos do ensino musical, observo que ela pode sim fugir do seu caráter lúdico e esse fator acontece por diferentes motivos. Mergulhando um pouco mais a fundo no ensino de música, a realidade atual sobre a educação musical no Brasil, a meu ver divide-se em um ensino mais conservador e o ensino mais atual. Cada uma dessas vertentes possui contextos e individualidades que não se convergem.

A vertente que possui caráter tradicional, no qual se enfatiza a técnica, posiciona-se de maneira conservadora em relações às metodologias de ensino e aprendizagem. O ensino é focado na formação mais profissional, e almeja objetivos virtuosos. Eram modelos de ensino mais engessados, e a meu ver arcaico para os dias atuais. Figueiredo contextualiza brevemente esses modelos.

Modelos de educação musical que focalizavam a formação do instrumentista, reproduzidor de um repertório vinculado a uma tradição musical, a partir de concepções fortemente

arraigadas na questão do talento e do gênio musical. Naquela perspectiva do passado, o fazer musical estaria relacionado a um grupo de pessoas talentosas, assumindo uma postura exclusiva, na qual grande parte dos indivíduos estaria impossibilitada de se desenvolver musicalmente. (FIGUEIREDO, 2012, p.85)

Por possuir um intuito mais sistemático, e culturalmente imposto, acredito que o ensino musical em algumas escolas de música e conservatórios, em sua grande maioria “assassinam” o caráter lúdico da música. Pois pelo fato de estarem extremamente ligados à busca da perfeição, à exatidão técnica, ao virtuosismo, a métodos engessados de ensino musical, eles deixam o processo sério demais, e assim, entendo que toda essa pressão gerada sobre o educando, afete o caráter lúdico do prazer musical durante as aulas. Segundo Almeida (2009, n.p) “O homem da ciência e da técnica perdeu a felicidade e a alegria de viver, perdeu a capacidade de brincar, perdeu a fertilidade da fantasia e da imaginação, guiadas pelo impulso lúdico”. Quando enfatizamos somente a técnica, e a teoria, acredito que deixamos de lado os sentimentos e a satisfação.

Com o advento dos métodos ativos da pedagogia musical, aconteceu uma revolução no ensino da música. Os intuítos mudaram, e conseqüentemente mostraram diferente rumos para educação musical.

Os métodos ativos ampliaram o ensino da música, pois não tinham segregações para impedir o desenvolvimento coletivo da linguagem musical. O lema “música para todos” envolve todas essas novas propostas.

A experiência direta com a música a partir da vivência de diversos elementos musicais é o que caracteriza os métodos ativos de educação musical. Nesta perspectiva, o aluno participa ativamente dos processos musicais desenvolvidos em sala de aula, processos estes que oportunizam o contato com várias dimensões do fazer musical. Com essas abordagens, evita-se o foco na teoria musical e nos exercícios descontextualizados, que muitas vezes, desestimulam a aprendizagem musical exatamente porque não são reconhecidos como experiências musicais válidas. (FIGUEIREDO, 2012, p.85)

Observa-se que, com o desenvolvimento dessas novas metodologias, encontramos novamente o caráter lúdico no processo de ensino e aprendizagem musical. E assim novamente enfatiza-se ao fazer musical a relação sadia entre educador e educando.

O lúdico em sua essência é integrativo, traz potenciais de conexão entre educador e educando e o contexto geral, ou seja, cultural, social e individual, na seção seguinte adentraremos sobre o prisma do princípio interdisciplinar e integrativo.

Caso a experiência lúdica seja verdadeiramente lúdica, ela será translógica, porque plena, para além de julgamentos e preconceitos; será integrativa entre os seres humanos, desde que nesse nível de experiência, vivenciamos o Todo e nele não há diferenças, não há formas melhores ou piores; é o *Tao*, onde todas as coisas se dão e existem integradamente. (LUCKESI, 2005, n.p)

Concluo que a ludicidade é uma ferramenta imprescindível, pois acarreta uma melhora significativa no processo de ensino e aprendizagem musical, contribuindo para uma didática mais prazerosa e conseqüentemente para um desenvolvimento mais completo nos âmbitos sociais, culturais, cognitivos e afetivos do educando.

2.2 EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR E INTEGRATIVA

A prática interdisciplinar é abrangente e democrática, e não se limita a uma perspectiva absoluta, está aberta para enxergar os diversos ângulos de um mesmo objeto, somando todos os pontos de vistas em direção a um mesmo intuito. A integração a meu ver é altruísta, compreensiva, e se encontra em busca da visão em 360°, uma perspectiva geral. Penso que as especificidades aliadas ao contexto geral, e integrada com outras especificidades, possibilita uma melhor e mais extensa compreensão de mundo.

A integração interliga os saberes, em vez de mantê-los em ilhas fragmentadas. Essa integração disciplinar, proporciona uma contextualização mais abrangente, e conseqüentemente faz com que os conteúdos possuam um sentido geral, ligado ao social, cultural, e cognitivo. Pombo (2005, p.5) afirma que “as disciplinas comunicam umas com as outras, confrontam e discutem as suas perspectivas, estabelecem entre si uma interação mais ou menos forte”.

O princípio interdisciplinar e integrativo não carrega a “verdade absoluta”, não há posicionamento egocêntrico, ela é o conjunto e a integração de diferentes vertentes do saber. Morin ressalta que o egocentrismo alimenta a self-deception, que seria uma espécie de boicote a si mesmo, provoca uma autovalorização, desconsiderando o ponto de vista de outrem.

O egocentrismo cultiva a self-deception, tapeação de si próprio, provocada pela autojustificação, pela autoglorificação e pela tendência a jogar sobre outrem, estrangeiro ou não, a causa de todos os males. A self-deception é um jogo rotativo complexo de mentira, sinceridade, convicção, duplicidade, que nos leva a perceber de modo pejorativo as palavras ou os atos alheios, a selecionar o que lhes é desfavorável, eliminar o que lhes é favorável,

selecionar as lembranças gratificantes, eliminar ou transformar o desonroso.
(MORIN, 2001, p.96)

Como educadores, responsáveis diretamente por uma metamorfose social positiva, precisa-se estar em constante transformação, sempre abertos para um novo olhar. Não podemos vestir uma viseira e observar só o que está abaixo do nariz, temos que perceber que a formação é contínua e quando falo formação, falo no sentido mais abrangente, não me refiro à formação acadêmica, penso na formação humana, intelectual, social e cultural, independentemente de diplomas e rótulos. Fazenda (1998) destaca que o primeiro passo para uma adquirir uma visão integrativa, é abandonar nossas falsas prepotências epistemológicas, e se manter em um posicionamento “humilde” e aberto de um eterno aprendiz.

O primeiro passo para a aquisição conceitual interdisciplinar seria o abandono das posições acadêmicas prepotentes, unidirecionais e não rigorosas que fatalmente são restritivas, primitivas e “tacanhas”, impeditivas de aberturas novas, camisas de força que acabam por restringir alguns olhares, tachando-os de menores. Necessitamos, para isso, exercitar nossa vontade para um olhar mais comprometido e atento às práticas pedagógicas rotineiras menos pretensiosas e arrogantes em que a educação se exerce com competência. (FAZENDA, 1998, p.13)

Eu experienciei a interdisciplinaridade por via de poucas disciplinas durante o curso de licenciatura, sendo elas, o PRINTER 1e 2 e a Oficina de Interdisciplinaridade, e enxergo ela como um elemento unificador que proporciona a contextualização e integração de disciplinas que foram fragmentadas. Para estarmos mais consciente do valor desse instrumento vou citar dois exemplos, um de disciplinas fragmentadas e o outro de integradas. A primeira foi uma aula de matemática que eu tive no ensino médio que falava sobre equação do primeiro grau. Nessa aula a professora não fazia nenhuma conexão da atividade com a minha realidade, não tinha vínculo com outras disciplinas, ela utilizava uma linguagem totalmente técnica que pra mim era muito complexa. Os problemas eram exercitados sem contextualização, não tinha um objetivo real, e se tornava um fazer por fazer. A segunda foi projeto Expressarte do Centro de Ensino do Lago Norte – CEDLAN, nesse projeto, os educandos recebem à tarefa, na qual cada grupo é incumbido de apresentar em um determinado dia a cultura de um país especificado, eles fazem o trabalho de pesquisa, buscam informações sobre os costumes, a arte, a culinária, a cultura do país em questão. Para apresentação da performance, ensaiam, organizam, estipulam como será no dia “D”, e para alcançar esse objetivo se utiliza de diversas disciplinas, as artes, história, geografia, matemática, literatura, biologia, sociologia, educação física e etc. Com essa movimentação integrativa, e significativa, acredito que o processo

de ensino e aprendizagem, aconteça de maneira mais consistente. Sem dúvida alguma, contribui para o desenvolvimento do educando, em uma perspectiva mais abrangente que a disciplinar.

O processo de integração disciplinar acarreta no desenvolvimento de seres mais integrados em seu modo de pensar e agir. Dessa maneira, promove uma ampliação de consciência, em que os participantes do processo educativo possuirão uma visão mais ampla e clara, sobre a vida.

Segundo Fazenda (1998, p.111) um estudo realizado nos anos 30 encorajou mais de 30 escolas secundárias a romper com o tradicional currículo centrado em disciplinas

O estudo de oito anos realizado nos anos 30 constituiu um índice de práticas. Esse estudo encorajou mais de 30 escolas secundárias a romper com o tradicional currículo centrado em disciplinas. A integração era vista como uma maneira de evitar a fragmentação que acompanha a divisão por disciplinas. As escolas mais bem-sucedidas no que tange ao crescimento e ao desempenho dos alunos tinham se movido na direção de um currículo centrado em um problema ou em uma questão que permitisse aos alunos integrar o conhecimento de diferentes áreas. (FAZENDA, 1998, p.111/112)

Na minha experiência pessoal, o ensino integrativo me instigou, pois possibilitou novas experiências e desafios, que muitas vezes nem esperamos. Esses desafios provocam a vontade constante de apreender algo novo, e nos mostra o quão infinito é o universo do saber, e como somos infinitamente inconclusos. Enquanto o pensamento disciplinar nos fecha em caixas de verdades descontextualizadas, a integratividade nos eleva para um mar de possibilidades que proporciona a ligação significativa das disciplinas.

Dessa maneira, percebo que o ensino integrativo, é uma ação que pode contribuir beneficentemente para a formação mais íntegra do educando, e auxiliar para o melhor desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

3 – ROCK DO CURUPIRA

Na presente seção, discorro sobre o processo de construção da proposta Rock do Curupira, desde do início até a execução da atividade.

3.1 – PRINTER

Princípio interdisciplinar, é uma disciplina da Universidade de Brasília, na qual a meu ver, o seu objetivo é promover um ambiente de aprendizagem prático e teórico, tendo como princípio movedor a relação interdisciplinar.

Cursei a disciplina durante um período de dois semestres, vivenciei diversas experiências que agregaram positivamente na minha formação como educador musical, pois me direcionaram para uma visão mais coletiva e integrada no âmbito educacional.

Trata-se de uma disciplina que é aberta para diversos cursos, e visa proporcionar a busca de uma relação interdisciplinar entre diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, geografia, música, cênicas, visuais, química, educação física entre outras.

No segundo semestre que eu cursei o PRINTER os professores regentes haviam conseguido estabelecer um elo entre a UnB através da disciplina e a Comunidade de Aprendizagem do Paranoá – CAP.

A CAP é uma escola que está intimamente ligada a perspectivas integrativas e lúdicas. Em sua essência ela nasceu com intuito de estabelecer pontes mais diretas e contextualizadas entre o ambiente escolar e a comunidade.

Acerca da definição de Comunidade de Aprendizagem, em resumo, baseia-se num modelo de educação comunitária que busca expandir a prática educacional para além dos muros da escola. É dedicada à participação de diferentes agentes educativos num processo dialógico buscando consolidar uma nova construção social de aprendizagem a partir de uma sociedade participativa. (PPP, CAP, n.p)

É uma escola sustentável que visa buscar uma conexão social, que permita a formação autônoma do educando, logo abaixo cito um trecho de Rubem Alves, citado no Projeto Político Pedagógico da escola.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.

Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

(BRASÍLIA, CAP, n.p)

Na época que desenvolvemos a proposta a escola oferecia escolarização correspondente à Educação Infantil e Bloco Inicial de Alfabetização – BIA (1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental). Com esse vínculo estabelecido, partimos em direção a elaboração de propostas integrativas que pudessem ser inseridas na CAP, ficamos durante todo o semestre elaborando, discutindo e testando as atividades na sala de aula, e assim levamos algumas propostas para CAP.

Semanas antes de fazermos as propostas das oficinas na escola, havíamos visitado o local, e dessa maneira sondamos os docentes, e descobrimos que a escola estava trabalhando naquele determinado bimestre a temática dos animais e do folclore. E assim conseguimos ter um norte para a elaboração mais contextualizada da intervenção que iríamos fazer.

A primeira proposta de intervenção que levamos para CAP foi a oficina de pintura com solos, essa foi a atividade que antecedeu a proposta do Rock do Curupira. Na atividade de pintura com solos integramos saberes de vertentes disciplinares diversas, por exemplo, elementos das artes visuais, que seria a pintura e a confecção da tinta, e também elementos da geografia e da química, focando nos tipos de solos e suas determinadas composições, indagações sobre os lugares de onde eles vieram, entre outros detalhes. Com a música da proposta Rock do Curupira já gravada, decidimos introduzi-la na atividade dos solos, com intuito de familiarizar as crianças com a canção, e contextualizar a imaginação delas para a confecção das pinturas.

Em um primeiro momento fizemos uma roda de conversa onde levantamos diversas indagações aos educandos, sobre o que era o solo, como ele era formado, por que suas cores eram diferentes entre outros. Em sequência confeccionamos a tinta de solo, que era composta por uma mistura de cola água e os diversos tipos de solo. Fornecemos os materiais necessários, soltamos o “play” na canção e pedimos para que os educandos pintassem no papel elementos que representassem a natureza.

O público-alvo da proposta pedagógica desenvolvida foi as crianças do bloco inicial de alfabetização o BIA, tendo como conteúdo aos temas que estavam sendo trabalhados no BIA. Na seção seguinte adentraremos com mais profundidade no processo de planejamento da proposta Rock do Curupira.

3.2-PLANEJANDO LUDICAMENTE A INTEGRAÇÃO

A composição da música foi feita com base em um plano de aula, em que eu havia elencado os objetivos que eram trabalhar a percepção de alguns parâmetros musicais como intensidade, andamento e altura. Os conteúdos foram mudanças de andamento, frases melódicas que executavam uma escala descendente ou ascendente para demonstrar a altura e alterações de intensidade. E assim no decorrer desse plano pensei em fazer uma música que conseguisse atingir os objetivos e os conteúdos, com um caráter lúdico e integrativo, na qual a avaliação seria o envolvimento e a concentração.

Na ideia inicial não havia pensado no Curupira como personagem principal, o personagem que tinha pensado era um Índio Maluco. Entretanto, depois de levar a proposta para os meus colegas e, conseqüentemente, analisarmos e discutimos o primeiro projeto, fizemos algumas mudanças no texto da música. Uma delas foi a inserção do Curupira ao invés do Índio Maluco. O grupo refletiu e depois de diversas indagações, ficou decidido retirar o índio maluco, para não reproduzir a imagem da cultura indígena estereotipada. A palavra maluco pode contribuir para uma visão do índio, preguiçoso, ou um índio doido, que dependendo da conotação, modificava a ideia que queríamos emitir. Portanto alteramos o personagem do Índio Maluco para o personagem do Curupira.

O Curupira foi uma escolha que encaixou com exatidão na atividade, pois além de contribuir para o contexto que queríamos inserir, é uma figura folclórica que representa a cultura popular, e faz parte da temática que estava sendo trabalhada recentemente na escola. A figura do Curupira também se situa em um universo lúdico. Por ser o protetor das matas e dos animais, acredito que a sua inserção na canção, colabore, também, para o despertar de uma consciência ecológica nas crianças.

O ponto chave da atividade era a criação e imaginação de sons e movimentos corporais, por meio da representação dos animais. Em segundo plano, a canção tinha momentos que foram pensados para promover a experimentação de alguns elementos musicais ora ligados à melodia, ora ligados ao ritmo e ora ligados ao batimento por minuto da música.

O Rock do Curupira¹:

¹ Link de acesso da música Rock do Curupira: <https://www.youtube.com/watch?v=TJonC5kJzsE>

Músicos: André Roman, Walter Muganga, Paulo Gabriel e Luciano Pereira, todos alunos do curso de licenciatura em música da Universidade de Brasília.

A canção é dividida em três partes, A, B e C. Parte A é o momento em que o Curupira desce o rio, a parte B quando ele avista os animais e a parte C quando volta para casa. Parte A:

O Curupira desce o rio (4x)
O Curupira desce o rio
Filho da natureza
Põe a canoa na beira
E logo ele avista os animais
Ele avista os animais
Pela semana inteira ele avista os animais

Na parte A da canção, há um trecho que diz: **O Curupira desce o rio** e logo ocorre um glissando executado com a voz, com intuito de retratar o Curupira descendo o rio, utilizei o glissando descendente, que visa trazer o educando à percepção do movimento melódico de uma nota aguda para uma nota grave. Conjuntamente com os elementos textuais e musicais, foi trabalhado o movimento corporal, ligado à educação física e às artes cênicas, e assim elaboramos uma coreografia que consistia no movimento das mãos e braços levantados acima da cabeça, descendo até a cintura, em cada vez que o glissando descendente acontecia.

O restante da estrofe serve como uma ponte para contextualizar a parte B, em que será trabalhada a imaginação, criatividade e autonomia.

Parte B:

Quem é que está ai
De trás desse arbusto
Eu sou o Curupira
E agora você vai ter que imitar
Um bichinho pra eu poder adivinhar
Imita logo esse bicho já está tarde para o rio eu vou voltar

A parte B da música teve como objetivo abrir o espaço para expressão e imaginação. É o momento em que o Curupira avista os animais e, concomitante, a essa situação, segue a pergunta, “quem é que está ai?” Essa pergunta aliada ao restante da estrofe, direciona os educandos uma série de indagações: que bicho eu imito, qual o movimento corporal que se assemelha a ele, qual o som que ele faz, qual a melhor forma de representá-lo. Depois dessa sequência de perguntas, vem um movimento espontâneo e criativo no qual cada um tem autonomia e imaginação para representar um animal.

A atividade de representação foi feita por via musical e cênica inter-relacionando as duas disciplinas. Sendo encadeadas por um viés, que no caso, seria a imitação de determinado animal.

No decorrer da disciplina PRINTER tive a oportunidade de presenciar algumas atividades que trabalhavam com a criação e a expressão cênica, através da professora e dos alunos do curso de Arte Cênicas. Percebo que foram grande inspiração, para que a proposta conseguisse ser integrativa e dotada de um princípio interdisciplinar nesse momento de criação.

Logo se abre espaço para uma rodada intensa de criatividade, imaginação, autonomia, ludicidade e integração, rodeada pelo contexto geral que as unificam, que no caso é a floresta.

Parte C:

O Curupira sobe o rio (4x)

O Curupira sobe o rio

Já está muito cansado

Ele quer voltar pra casa

Pra ficar bem relaxado

Conheceu muitos bichos

E fez muitos amigos

Agora ele quer descansar

Adivinha onde ele vai parar

Na sombra da mangueira

Na parte C, o Curupira sobe o rio, agora acompanhado do movimento musical e corporal, que são o inverso da parte A, ou seja, o glissando vai de uma nota grave para aguda, e o movimento corporal, vai dos braços e mãos sendo levantados da cintura até a cabeça.

O fato de o Curupira subir o rio faz com que ele canse mais, a intensidade e o andamento ficam menores, com intuito de demonstrar aos educandos de forma sonora e física, o que o texto está dizendo.

O texto da música termina no ponto em que o Curupira volta para sua casa para poder descansar, que no contexto seria, Na sombra da mangueira, esse momento foi representado musicalmente com um ralenando e em perspectiva cênica, é a hora em que todos caem ao chão e silenciam-se. Assim numa relação integrativa a atividade termina.

3.3 REFLEXÃO-SOBRE-A-AÇÃO

Partindo para uma etapa reflexiva da proposta, observo que a atividade provocou uma conexão direta com os educandos. A canção promove a história do Curupira e dos animais de maneira atraente e divertida, inserindo contexto da natureza e do folclore descontraidamente. A construção desse cenário imaginário na mente do educando, proporciona um ambiente sadio, confortável, brincante, legal e produtivo. Ambiente que a partir daquela contextualização começa a fazer sentido, e concomitantemente abre as portas da imaginação, espontaneidade, concentração, motivação e autonomia. Savater (2004) diz que:

não há ciência de viver, definida por axiomas e leis universalmente válidas que se possam aplicar com o mesmo resultado no retiro experimental de um laboratório e na rua ou na selva, mas apenas uma arte em que se justapõem tradições memoráveis, fragmentos de códigos antigos, regras práticas de comportamento e a desesperada inspiração de esperança, e a partir da qual se atua quando surge a oportunidade. (SAVATER, 2004, p.61)

O ápice da proposta acontece na parte B, quando surge o desafio espontâneo de imitar os animais. Toda carga imaginativa é representada por meio dos sons e dos movimentos. A brincadeira vira uma espécie de jogo musical e teatral, no qual os educandos passam a pertencer de forma ativa e passiva, ora sendo atuantes em suas performances, ora sendo apreciadores da performance do outro. Numa perspectiva cênica pode ser facilmente chamado de jogo teatral que segundo Viola Spolin (1963, p.5) a pensadora renomada da improvisação teatral, e constantemente requisitada no teatro com abordagem escolar diz:

o jogo é psicologicamente diferente em grau, mas não em categoria, da atuação dramática. A capacidade de criar uma situação imaginativamente e de fazer um papel é uma experiência maravilhosa, é como uma espécie de descanso do cotidiano que damos ao nosso eu, ou as férias da rotina de todo o dia. Observamos que essa liberdade psicológica cria uma condição na qual tensão e conflito são dissolvidos, e as potencialidades são liberadas no esforço espontâneo de satisfazer as demandas da situação. (SPOLIN, 1963, p.5)

Acredito que chegamos a um nível em que a grande maioria dos participantes estava presente naquele momento, integrados, e ludicamente conectados. Me surpreendi com os efeitos que atividade provocou nos educandos, um estágio eufórico de natureza brincante, um mar de imaginação e criatividade e uma conexão plena com o momento presente. Segundo Luckesi (2005, n.p) “O que mais caracteriza a ludicidade é a experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivência em seus atos”. Acredito que chegamos a esse estágio de plenitude, em que a música estava

ludicamente integrada e energizada, traduzida através da imaginação de cada um, e expressada pelo som e pelo corpo.

Na parte B da música, em que está situado o momento de imaginação e liberdade expressiva, tinha planejado de uma forma em que, cada um representaria determinado animal de maneira individual e, em sequência minimal, ou seja, um de cada vez. Entretanto no dia da atividade não aconteceu dessa maneira, quando a parte B da canção aconteceu, as crianças começaram a imitar sem uma ordem estabelecida, foi uma espécie de copo cheio de expressividade que transbordou naquele momento, quando cada um expressou sua imaginação no ápice da espontaneidade. Em primeiro momento fiquei assustado, pois as rédeas da atividade haviam fugido do controle, mas depois que compreendi a naturalidade e a expressividade, da atividade e seu efeito nos educandos, percebi que aquela maneira estrondosa e criativa das crianças estava mais conectada com o universo lúdico e integrativo, pois em meio a essa explosão de imaginação, não havia brechas para uma organização metódica e técnica que poderia talhar a plenitude do momento.

4-CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou a reflexão mais aprofundada dos conceitos de ludicidade e integração a partir da proposta denominada Rock do Curupira.

De um modo geral, fazendo uma breve reflexão da proposta “Rock do Curupira”, procurei trabalhar conceitos musicais tais como intensidade, altura, andamento e movimentos sonoros. Esses conceitos foram planejados e implementados como uma atividade lúdica relacionando, principalmente, as disciplinas de música e cênicas, mas também trabalhando com conceitos que são desenvolvidos nas áreas de geografia, biologia, história. A partir das reações dos educandos, percebi o quanto um planejamento integrado tem o potencial de promover respostas positivas, intensas, motivacionais, plenas e alegres.

A revisão de literatura que foi baseada em livros, artigos, e textos e me ajudou a conceituar os termos em questão. Assim me possibilitou refletir com maior propriedade sobre a proposta do “Rock do Curupira”.

Além da abrangência e enriquecimento dos tópicos trabalhados por meio da integração, o caráter lúdico da proposta me lembrou a importância de uma interação mais “humana”. Uma relação de horizontalidade, em que o respeito e a autonomia intensificam as conexões entre o educador e o educando, proporcionando um ambiente sadio de aprendizagem.

Sempre acreditei que uma aula de música pudesse ser criativa, prazerosa, musical e divertida. Encontrei nos conceitos de ludicidade e integratividade a fundamentação para essa prática que almejo. Esses conceitos, a meu ver, são indispensáveis para a formação de um educador que se preocupa com o desenvolvimento integral das capacidades do educando, englobando os âmbitos sociais, cognitivos, culturais e afetivos.

Dada a importância dos conceitos levantados no estudo, fica claro o quão especiais eles são para prática pedagógico-musical e, assim, observo que continuamente podem ser mais aprofundados e discutidos. Dessa maneira acredito que possuem um potencial extenso para pesquisa, em que cada desbravador pode se deparar com novos horizontes e olhares que contribuam para a intensificação da importância do lúdico e da integração disciplinar na prática pedagógico-musical.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Anne. **LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO**. 2009. Disponível em: <<https://www.cdof.com.br/recrea22.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

AMATO, Rita de Cássia Fucci. Interdisciplinaridade, música e educação musical. **Opus**, Goiânia, v. 16, n. 1, p.30-47, jun. 2010.

BEINEKE, Viviane. Música, jogo e poesia na educação musical escolar. **Música na Educação Básica**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p.09-27, set. 2011.

CORRÊA, Leidniz Soares; BENTO, Raquel Matos de Lima. **A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO PARA A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2014. 21 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Unijipa, Ji-paraná, 2014.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **DIDÁTICA E INTERDISCIPLINARIDADE**. 13. ed. Campinas: Papirus Editora, 2008. 179 p.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de; Jordão, G; Allucci, R.; Molina, S.; Terehata, A (Coords) . A educação musical do século XX: os métodos tradicionais. **A Música na Escola**, São Paulo, p.85-87, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 96 p.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva S.a., 2014. 248 p.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. Perspectiva, Florianópolis, v. 22, n. 2, p.105-128, nov. 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/10745/10260>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **LUDICIDADE E ATIVIDADES LÚDICAS uma abordagem a partir da experiência interna**. 2005. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/92769538/Ludicidade-e-Atividades-Ludicas>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000. 116 p

OLIVEIRA, Maria Eliza de; FERNANDES, Sueli Felício; FARIA, Luciana C. Fernandes de. **A MUSICALIZAÇÃO, O LUDICO E A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**.

Colloquium Humanarum, [s.l.], v. 10, n. , p.1411-1418, 25 out. 2013. Associação Prudentina de Educação e Cultura (APEC).

SAVATER, Fernando. **A importância da escolha**. São Paulo: Planeta, 2004. 176 p.

Secretaria de Estado de Educação – SEEDF. Projeto Político Pedagógico da Comunidade de Aprendizagem do Paranoá. 2018. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/pppeccomunidadeaprendizagemdoparanoacreparanoa.pdf>

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.a., 2010. 351 p.

UBALDO, Cristina. **O Professor na Educação Infantil**. 2009. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/o-professor-na-educacao-infantil/14417/>>. Acesso em: 21 nov. 2018.